



O Desbravador

Romance Histórico

LANÇADO ANTERIORMENTE COM O TÍTULO

NOVA LUSITÂNIA

AYDANO RORIZ

TODOS OS DIREITOS NO BRASIL RESERVADOS À

Editora Europa

Rua MMDC, 121
São Paulo, SP



Diretor Executivo	Luiz Siqueira
Diretor Editorial – Livros	Mário Fittipaldi
Revisão de Texto	Patrizia Zagni
Capa e Edição de Arte	Jeff Silva
Imagem da Capa	Retrato de Duarte Coelho por Makoto Ono, sobre litogravura de Jean-Baptiste Debret, com intervenção artística de Jeff Silva.

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
(Daniela Momozaki - CRB 8/7714)

Roriz, Aydano

O desbravador / Aydano Roriz – São Paulo: Editora Europa, 2015 360p.
ISBN 978-85-7960-323-5

1. Literatura brasileira – Romance Histórico

I. Roriz, Aydano II. Título

CDD 869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : 869.93

Atendimento ao Leitor	Fabiana Lopes – fabiana@europanet.com.br
Circulação	Ézio Vicente – ezio@europanet.com.br
Promoção	Aida Lima – aida@europanet.com.br

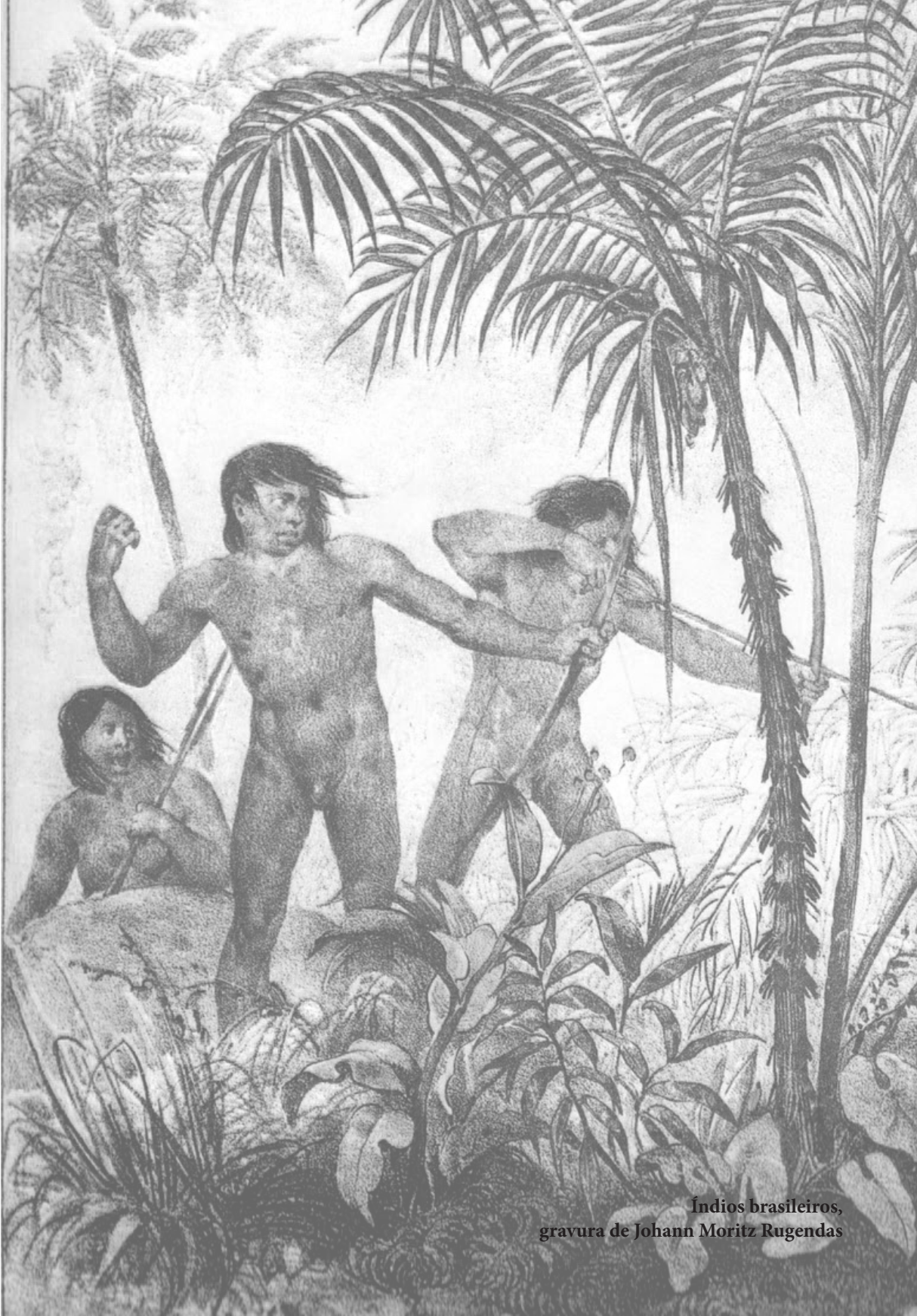
Este título também está disponível na versão de livro eletrônico.



Sumário

Capítulo 1: Dinheiro à farta	11
Capítulo 2: Nepotismo na corte.....	13
Capítulo 3: Coelho bastardo	17
Capítulo 4: Vila Nova, vida nova.....	21
Capítulo 5: Trabalho sim, salário não	25
Capítulo 6: Cidade do Porto, finalmente	27
Capítulo 7: Embriaguez da alegria	33
Capítulo 8: O primeiro duelo.....	37
Capítulo 9: Malandrote.....	45
Capítulo 10: Chantagem	49
Capítulo 11: Segredos, o rio leva	53
Capítulo 12: Proposta de casamento.....	57
Capítulo 13: Na foz do Douro.....	63
Capítulo 14: Brasil, 39 anos depois	69
Capítulo 15: El-rei carece de relaxar	75
Capítulo 16: Preciosa relíquia	83
Capítulo 17: Sinistra reflexão	87
Capítulo 18: Cristãos-novos.....	93
Capítulo 19: Cortês brutalidade	97
Capítulo 20: Sangue de dragão	103
Capítulo 21: Bonita e perigosa.....	109
Capítulo 22: Caça aos judeus	115
Capítulo 23: Madalena do Mar	121
Capítulo 24: Misterioso comensal.....	127
Capítulo 25: Rei da Polônia na Madeira.....	135
Capítulo 26: Mentira descarada.....	141
Capítulo 27: Jovem padrinho.....	147
Capítulo 28: Leonel Henriques	151
Capítulo 29: Conselhos de pai	155
Capítulo 30: Loura do diabo	161
Capítulo 31: Fiel devoto.....	167

Capítulo 32: Espinha na garganta.....	177
Capítulo 33: Américo Vespúcio.....	183
Capítulo 34: Difícil dar certo	189
Capítulo 35: Dias de Reis em Olinda	193
Capítulo 36: Ordenações Manuelinas.....	199
Capítulo 37: Fidalgos degredados	205
Capítulo 38: Adeus à Madeira.....	211
Capítulo 39: Naufrágio.....	217
Capítulo 40: Decisão desesperada.....	221
Capítulo 41: Estranha baía	229
Capítulo 42: Sonho realizado	233
Capítulo 43: Primeira vez	237
Capítulo 44: Primeiro engenho	243
Capítulo 45: Ataque surpresa.....	247
Capítulo 46: Segredo descoberto.....	251
Capítulo 47: Surpresa	255
Capítulo 48: Dilema de chefe	259
Capítulo 49: Casus belli	261
Capítulo 50: Filhos duma égua	265
Capítulo 51: Menores assassinos	269
Capítulo 52: Princesa tabajara	273
Capítulo 53: Casamentos mestiços.....	277
Capítulo 54: Domingo de Pentecostes.....	283
Capítulo 55: Casamento pagão	287
Capítulo 56: Cesárea tropical	291
Capítulo 57: Meditações	299
Capítulo 58: Ouro branco.....	303
Capítulo 59: Dinheiro faz milagre.....	307
Capítulo 60: Maquinações da Coroa.....	313
Capítulo 61: Realidade decepcionante.....	319
Capítulo 62: Mudança de ventos	327
Capítulo 63: Maldita burocracia.....	331
Capítulo 64: Volta às origens.....	335
Capítulo 65: Desagravo.....	343
Capítulo 66: Epílogo.....	349
Bibliografia	353



Índios brasileiros,
gravura de Johann Moritz Rugendas

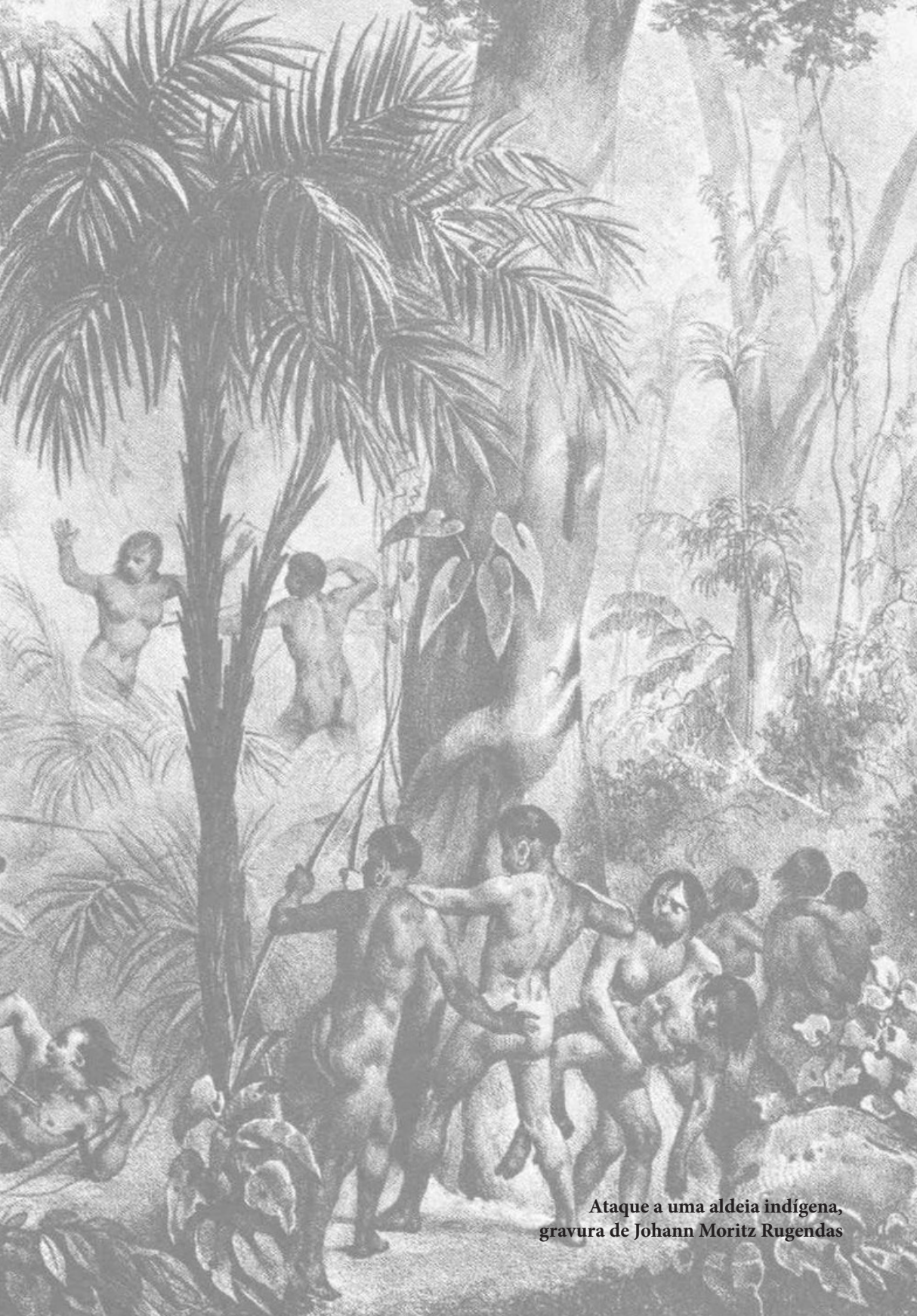




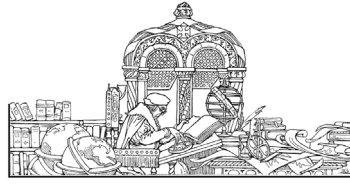
Descobrimdo o Novo Mundo,
Christian Krohg

CKROHG





Ataque a uma aldeia indígena,
gravura de Johann Moritz Rugendas



Capítulo 1

Dinheiro à farta

N aquela terra de pecado, quente como seiscentos diabos, as mulheres não economizavam tesouro algum para enfeitiçar corações. Não abriam mão das mais caras essências orientais, nem se contentavam com os tafetás, chamalotes e outras sedas. Exibiam-se frequentemente em ricos brocados. Eram tantas as joias que usavam que mais pareciam chovidas de diamantes, esmeraldas e rubis. Tampouco saíam à rua, mesmo para visitar vizinhas, sem se fazerem carregar entre dois escravos numa rede ou cadeirinha bem-trabalhada, tendo sempre ao lado, para protegê-las do sol ou do sereno, um outro negro portando um sombrero ricamente bordado.

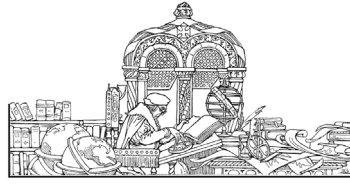
Família real em ponto pequeno, os Coelho e Albuquerque sempre tinham sido os grão-senhores daquelas terras, mas já passava de uma centena os homens ricos com casa em Olin-da. E eram esses que rivalizavam em luxo com as mulheres e entre si. Disputavam amantes e cavalos de raça a peso de ouro. Não havia adereços de espadas e adagas, jaezes de montaria, nem trajes de novas modas com que não se ornassem para as touradas, os jogos de pato¹ e de argolinha; afora um nunca acabar de bailes, banquetes e saraus.

1. O jogo opunha dois grupos de homens a cavalo, que disputavam um pato, colocado dentro de um saco de couro costurado, com a cabeça e as duas asas de fora, para se poder “agarrar”.

Pagavam-lhes as extravagâncias as plantações de tabaco, os contratos da Coroa para exploração de pau-brasil, e, mais que tudo, os cento e vinte e tantos engenhos tocados por negros e índios escravizados. Engenhos que, a cada ano, moíam cana e produziam açúcar suficiente para abarrotar os porões de mais de cinquenta navios. Essa borbulhante fermentação de riqueza derramava sobejos para os mercadores, ourives, prestamistas, barbeiros-cirurgiões, boticários; e, verdade seja dita, sobrava até para os vendeiros, carpinteiros, caldeireiros, latoeiros e artífices em geral. Corria tanto dinheiro em Olinda, que rara era a casa que não tinha lá a sua baixelazinha de prata, ainda que comprada de um marujo de passagem, que a contrabandeara do Peru.

Debruçada sobre o mar, espalhada por cinco colinas verdejantes de onde emergiam as torres das igrejas e os mirantes dos sobrados senhoriais, naquela vila as pessoas se atiravam aos prazeres com tal espalhafato, como se o mundo estivesse prestes a se acabar.

Nem sempre, porém, fora assim. Por pródigas que fossem as riquezas naturais, as benesses da civilização não brotavam da terra por geração espontânea. Alguém precisara dar um primeiro passo, se propor a sofrer toda espécie de resistências, para, com um pouco de sorte e doses maciças de perseverança, conseguir fazer o progresso deslanchar.



Capítulo 2

Nepotismo na corte

Algumas décadas antes, mais exatamente em 1535, meses depois de aportar na gleba selvagem que lhe havia sido doada pelo rei de Portugal; tendo fundado no extremo norte da sua capitania hereditária um povoado batizado como São Cosme e São Damião – em local que os nativos chamavam de *Igaraçu* –, numa excursão de reconhecimento das terras, Duarte Coelho deparara-se com aquelas verdejantes colinas. Por intermédio dos guias da tribo tabajara, com a qual estabelecera cordiais relações logo à chegada, ficara sabendo que aquelas colinas eram território dos índios caetés, tribo inimiga dos tabajaras e aliada dos franceses. Sim, franceses. Contrabandistas que atravessavam o *Mar Oceano* para, naquele litoral do *Novo Mundo*, fazer escambo com os nativos, trocando bugigangas por valiosas peles, aves de plumagem colorida e muita madeira nobre, sobretudo o chamado pau-de-tinta ou pau-brasil. Uma gente tão inescrupulosa, que não hesitava em afrontar o monopólio português assegurado por Sua Santidade, o Papa.

Ora, fora exatamente para povoar as *Terras de Santa Cruz*, desestimular a cobiça estrangeira e coibir o roubo de suas riquezas naturais, que Dom João Terceiro de Portugal resolvera dividir aquele seu domínio em quinze grandes fai-

xas de terra e doá-las a apaniguados da corte. Duarte Coelho não tinha título de nobreza, nem mesmo fidalguia, mas era concunhado do então escrivão-mor do Paço Real, homem de confiança d'El-rei. E fora graças à influência daquele aparentado que conseguira o seu quinhão no *Novo Mundo*.

As décadas de vida em armas haviam emprestado ao donatário rugas prematuras e prateado ligeiramente a longa cabeleira revolta. Suas grossas sobancelhas, a espessa barba estriada de fios brancos, se impunham certa subserviência respeitosa, não chegavam a infundir temor. Os olhos azuis, com uma expressão límpida e franca, suavizavam-lhe o semblante. Homem de cinquenta e poucos anos, rígidos princípios curtidos na guerra para manter as possessões portuguesas no Oriente e na África, muito cômico de suas responsabilidades, Duarte Coelho não precisara pensar muito. Nesse misto de autoconfiança e destemor que uma profissão exercida por longo tempo costuma inspirar, deferira um ataque surpresa contra a aldeia dos caetés.

No tumulto do inesperado combate, os nativos mal tiveram tempo de esticar a corda do arco e disparar meia dúzia de flechas. Os que escapavam da fuzilaria eram pegos pelas lanças e espadas. Carnificina. Guerreiros, mulheres, idosos, crianças... Poucos caetés conseguiram se safar embrenhando-se na mata.

– Oh, linda vista! – Dissera um dos colonos portugueses, com as faces ainda animadas pelo recente calor da batalha.

– Linda mesmo – concordara o capitão-donatário, mirando o vasto espectro de tons verde azulados do mar, que se estendia para além da praia. – Sítio alto. De cá se enxerga longe... Pena que não tenha porto.

– Tem sim – ajuntara Jerônimo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho, que ia se achegando. – Um tabajara me con-

tou que, a uma légua¹ e meia daqui, existe um porto natural que eles chamam de *Pernambuco*. É por lá que os franceses entram para subir um rio que passa por detrás das colinas, para carrear pau-de-tinta. Vem daí o nome dessa aldeia. *Marim*, na língua deles, quer dizer “Rio dos Franceses”.

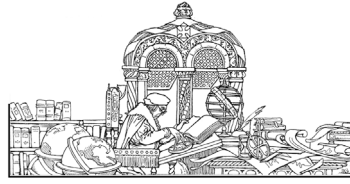
– Rio dos Franceses... Hum! Careço de deitar os olhos nesse tal *Pernambuco* – retrucara o capitão-donatário cofiando a barba, com ar grave; por mais que fosse brutal na hora do combate, os restolhos da batalha sempre lhe anuviavam o espírito e reviravam o estômago. – Manda enterrar os defuntos, Jerônimo, e convoca aí uns homens para montar guarda. Todo cuidado é pouco. Precisamos garantir a posse deste posto avançado.

– Aqui, sim, é que era um sítio bom para teres a sede da tua *Nova Lusitânia* – animara-se o cunhado. – Em *Igarapu* estamos por demais vulneráveis.

– Talvez tu tenhas razão, meu rapaz. Deixa-me ir lá amanhã ver o tal porto. Na volta, vê-se o que se faz.

O turbilhão de novidades, aquela imensa propriedade com sessenta léguas de beira-mar, o verde das matas a perder de vista, a sensação de poder que experimentava, não tinham apagado na memória de Duarte Coelho a recordação da existência incolor dos seus primeiros anos. Espicaçado pelas lembranças, catando as recordações por entre os pelos do bigode, naquela noite quase não dormiu. Como se lembrava bem!

1. Légua é uma antiga medida itinerária europeia. Originalmente, a distância que uma pessoa podia percorrer em uma hora, caminhando normalmente. Em Portugal, depois da adoção do sistema métrico decimal, uma légua equivale a 5 quilômetros. No Brasil, ao tempo da colonização, talvez por esperteza, a medida légua desvirtuou-se para o equivalente a 6,6 quilômetros. Neste livro, nos atemos à légua portuguesa.



Capítulo 3

Coelho bastardo

Mestiço social, fruto das escapadelas de um senhor de terras e mercador aventureiro com uma rapariga de baixo nascimento, para ser protegido dos raivosos ciúmes da esposa do pai, ainda recém-nascido Duarte fora entregue aos cuidados de uma tia, priora do convento das clarissas de Amarante.

Prédio de arquitetura medíocre, com paredes em pedra bruta e telhado de ardósia, rodeado de serras e a cavaleiro do povoado que se desenvolvera às margens do Rio Tâmega, o Convento de Santa Clara de Amarante era mais conhecido pelos *alfitetes*¹ e finos pastéis – chamados *viuvinhas* – que ali faziam as monjas. Infelizmente para elas, raras vezes destinados a consumo próprio. Muito mais para deleite da pequena burguesia e dos fidalgotes das redondezas. Eram esses senhores, afinal de contas, que proviam o pequeno mosteiro com galinhas, peixes, vinhos, farinha, queijos, manteiga, sal e, excepcionalmente, até mesmo com uma ovelha ou uma vaquinha.

Ser o único exemplar do sexo masculino em meio a mais de uma dezena de mulheres – tristes mulheres melancólicas, vivendo o suicídio vitalício para serem *esposas de Jesus* – tem lá suas vantagens. Criança alguma foi mais bem-cuidada, mimada, acarinhada, inspecionada em suas mínimas sutilezas corporais.

1. Espécie de pastelão de massa de farinha com ovos, toucinho e vinho, disposta em camadas, recheado com peixes ou carnes.

O lado ruim... bem, as inconveniências do convívio com as religiosas só foram detectadas pelo pai, vários anos depois, em uma visita ao convento. Ficou alarmado.

– Ele não pode mais cá ficar – disse Gonçalo Coelho à irmã, depois de parlamentar por um minuto ou dois com o bastardinho. – Eu fui capitão-general e alcaide-mor de Tânger. Sou o Senhor de Felgueiras e de Vieira. Nem por todos os pecados que já cometi neste mundo mereço ter um filho assim.

– Assim como, senhor meu irmão?

– Ora, minha cara! Esse miúdo peca por excesso de delicadeza – falou a contragosto. – Tem certas maneiras e trejeitos, por assim dizer, de uma noviça. Parece... que mal fiz eu a Deus... parece afeminado.

Sobranceira às circunstâncias, a madre Filipa sorriu involuntariamente. Ela, que muitos anos antes fora sacrificada à vida religiosa pelo pai – para afastar a iminência de um casamento inconveniente –, deliciava-se no íntimo com a aflição do privilegiado irmão.

– Alguém já disse que o homem adquire sempre qualquer coisa do meio em que vive – filosofou a priora, com os lábios pinçados por um sorriso discreto, numa entonação terna, falsamente maternal. – Não me parece que o pequeno Duarte seja como tu dizes. Entretanto, está ficando rapazinho. É bom mesmo que saia daqui. Por que não o colocas em uma dessas santas ordens, que existem tantas cá no Reino?

– Arre! Estou-me nas tintas para essas santas ordens – impacientou-se o irmão, fazendo um gesto mal-humorado. – Já vivi o suficiente para não confiar em homens de saia.

– Cruzes! – Replicou com secura a madre, persignando-se. – Tu é que sabes. A mim causará grande dor afastar-me do Duartinho. É quase como o filho que não me permitiram ter.

Entretanto, pela graça e a misericórdia de Deus, se fores levá-lo daqui, antes de qualquer coisa, o que deverias fazer era dar a ele uma família. Dar-lhe o teu patronímico.

– Dar a ele o meu nome? Reconhecer o bastardinho? Hum! A Violante... tu não conheces essa minha mulher, ó Filipa... conheceste só a finada Maria – continuou o outro com um toque de sarcasmo. – A Violante faz por merecer o nome que tem. E não em referência à delicada flor violeta, mas, como dizem as gentes em Barcelos, o Violante dela significa “tomar”. É uma mulher atrevida e astuta. Pior: anda furiosa comigo, por causa de uma rapariguinha que andei arranjanando por aí.

– Dê-se ao respeito, ó Gonçalo – censurou em tom familiar a prioresa, voltando a persignar-se para reforçar a repreensão. – Como dizia o santo padre Crisóstomo, “estás a amadurecer a tua alma para o inferno”. Um homem da tua idade e ainda às voltas com raparigas?!

– A carne é fraca, irmã – sorriu por entre as barbas o fidalgo, na finura da licenciosidade elegante. – Os cabelos brancos trazem consigo os últimos desejos. Os mais irresistíveis, por estarem atrelados a uma potência que se vai e a uma fraqueza que principia.

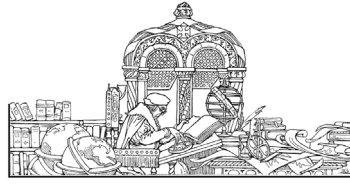
– Sei... “*só os que nada fazem nunca se enganam*” – desabafou de si para si a *esposa de Jesus*, que bem preferiria ser esposa de um homem de carne e osso.

– Fato é que preciso tirar esse catraio daqui – continuou o herdeiro de Felgueiras, após uma pausa cheia de meditações retrospectivas. – Fazer dele um homem. Vou trocar ideias com uns camaradas. E já agora, tens razão. Careço mesmo de dar o meu nome a ele.

– É o que de melhor tens a fazer – elogiou friamente a clarrissa. – Como cá não tinha a tua autorização para usar o nome da família, na pia batismal dei para o Duartinho o sobrenome Pereira.

- Pereira? Aquele teu...
- Não me recordes reminiscências que jurei a Deus esquecer – admoestou a priora, afetando irritação.
- Está bem... está bem. Pronto – contemporizou o irmão mais velho. – Não falemos mais disso. Darei o meu nome ao bastardinho.
- Fazes muito bem.
- Pena que lá se vão uns bons cruzados.
- Não percebo. Como assim?
- Eu cá é que sei. Vou precisar abrir os cordões da bolsa e comprar um colarzinho ou um bracelete. Só com isso ponho a Violante macia como uma luva, ainda que ela principie nossa conversa sendo mais crespa e dura que um sobreiro².

2. Árvore nativa da Península Ibérica, de cuja casca se extrai a cortiça.



Capítulo 4

Vila Nova, vida nova

Entre a decisão e a realização, três anos se passaram. Descendo o Rio Tâmega, Duarte saía do convento em Amarante diretamente para a casa de um velho amigo do pai, sargento de bailio¹ em Vila Nova de Gaia, na foz do Rio Douro. Fora posto ali para se habituar às másculas maneiras da brava gente lusitana, antes de ingressar na carreira das armas. Servia como palafrenero, o moço que cuidava e conduzia pela arreata o palafrém do magistrado; um nobre cavalo baio, de bela andadura, bem mais elegante e gentil que o dono.

Personagem patibular, baixo e enfezado, os cabelos que lhe faltavam na cabeça Dom Camilo os tinha nas laterais da face, numa penugem alourada que saía de dentro dos ouvidos e descia até os contornos da boca. Dono de palavras muito rudes, por conta da propalada perda precoce do único filho, tinha a delicadeza de um javali e era amedrontador mesmo quando parecia contente. E, de queridinho das clarissas, em questão de dias Duarte vira-se não apenas recebendo ordens com grosseria, como sendo obrigado a cumpri-las sob pena de severos castigos. Notável pela sovinice, na morada do senhor sargento

1. Antigo magistrado, geralmente comendador de ordens militares, a quem os nobres de uma província confiavam a defesa dos seus bens e interesses. Ainda hoje, por exemplo, a Ilha Jersey, no Canal da Mancha, é um bailiado da Coroa britânica, mas não faz parte do Reino Unido.

vivia apenas o próprio, a sua excelentíssima *sargenta* – ainda mais arredia que o marido – e uma velha de maus-bofes que funcionava como cozinheira, copeira, aguadeira, horteloa, lavadeira e criada de quarto do casal. Só o papel de despenseira não exercia, que Dom Camilo jamais abriria mão de fazer pessoalmente as compras da casa, para melhor regatear nos preços. Situado a meio caminho entre o Cais de Gaia e as ruínas do Mosteiro de Grijó, no topo da Serra do Pilar, o velho sobrado onde moravam era espaçoso e não fazia má figura. Ainda assim, Duarte fora alojado numa trapeira acima da cavalaria, que tinha como único conforto a bela vista do rio e da cidade do Porto, bem em frente.

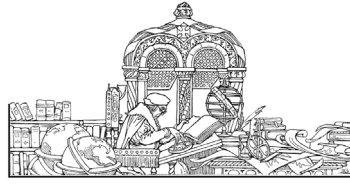
Aquela, sim, era uma cidade de sonhos. Dominada no seu ponto mais alto pela antiga fortaleza, de onde sobressaía a Sé Catedral e a Casa da Câmara, uma nova muralha concluída em 1376 ampliara em dez vezes os limites originais do burgo. O entrar e sair de mercadorias pelos dezoito portões da cidade sugeria riqueza. Ponto de chegada e de escoamento da produção de todo o Norte de Portugal, os mercadores dali negociavam também com a França, Inglaterra e Flandres. Falava-se viverem em Porto umas dez mil almas, e que, numa das torres da *Alfândega Real*, havia nascido o Infante Dom Henrique.

Ah, o Infante! Embora tivesse morrido fazia mais de trinta anos, por seu legado de grande incentivador dos descobrimentos portugueses no *Mar Tenebroso*, continuava sendo idolatrado. Queriam até fazer dele santo. No convento, ouvira falar muito de Dom Henrique, grão-mestre da Ordem de Cristo, sucessora em Portugal dos Cavaleiros Templários. Na época do Infante, remoíam as clarissas, não era como agora. Ter como soberano um rei que mandara executar em praça pública o senhor bispo de Évora, o Duque de Bragança, e ainda apunhalara em palácio o próprio cunhado, o Duque de Viseu... Cruz credo! Era sinal

de fim dos tempos. As mesmas considerações que Duarte testemunhava sem querer em Vila Nova de Gaia, nas conversas de pé do ouvido do patrão com outros senhores.

Como se não bastassem tantas descobertas, pouco depois começaram a lhe nascer pelos na virilha, nas axilas e na face, enquanto o tom de voz ia adquirindo diferentes timbres. Ora falava como uma flauta rouca, ora com a voz cândida de menino. Tempos terríveis, aqueles. Ao tirar as vestes e aninhar-se na sua enxerga na trapeira, as tentações do demônio se assanhavam entre suas pernas, e com tal ímpeto que acabara não conseguindo resistir à curiosidade da autoestimulação. Da primeira vez vomitara pelas *vergonhas* um não sei que meio sanguinolento que lhe causara pavor. Não obstante, sendo o Diabo personagem insistente, numa nova tentativa a sensação prazerosa sobrepôs-se ao receio e lhe clareou a seiva. Aquilo era pecado, ele bem sabia. Caprichos extravagantes, fantasias que, satisfeitas, não lhe deixavam no coração nenhuma lembrança feliz. De todo modo, e já que o sargento não lhe cobrava que se confessasse ou comungasse, passou a se exercitar naquele jogo quase todas as noites, com exceção das sextas-feiras, que era *dia magro*², e dos domingos, dia santo.

2. Dia em que a Igreja recomendava penitências e proibia o consumo de carne.



Capítulo 5

Trabalho sim, salário não

De último, além de palafrenero, Duarte trabalhava como uma espécie de ordenança extranumerário. Levava e trazia mensagens, auxiliava na organização da papelada, vez ou outra até fazia escriturações de menor importância. E em 28 de outubro de 1495, quando completava quinze anos, viu-se surpreendido por discretos sorrisos do senhor magistrado da Vila Nova de Gaia. Não, as amabilidades não tinham nada a ver com o natalício dele. A razão, não demorou a descobrir, era que, três dias antes, El-rei Dom João Segundo morrera no Algarve e Portugal já tinha novo soberano. Dom Manuel, o irmão daquele Duque de Viseu apunhalado em palácio pelo rei agora defunto.

O populacho chorava a morte de Dom João Segundo, a quem chamavam de *Príncipe Perfeito*. A burguesia comemorava a assunção de Dom Manuel.

– Esse é que é um homem de sorte – dizia um. – Já pensou se o único filho legítimo do *Tirano* não tivesse morrido naquela queda de cavalo?

– Ou se ele tivesse tido tempo de legitimar o bastardo? – Lembrava outro.

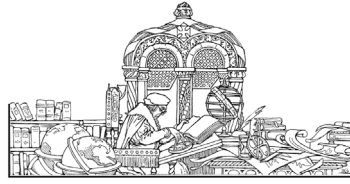
– Dom Manuel é um homem venturoso – gracejava o primeiro. – Foi preciso que morressem sabe-se lá quantos príncipes, para que ele chegasse ao trono.

O conturbado outono se foi, chegou o frio do inverno e um período de letargia. Seguiu-se a primavera, o solstício de verão e as gentes todas pareciam mais contentes. As comemorações da noite de São João daquele ano prometiam ser particularmente festivas. Embandeiravam-se as vielas, armavam-se fogueiras nos largos, grupos de gaiteiros iriam desfilar pelas ruas de Gaia num colorido cortejo de pastores e carros alegóricos. O mais divertido para Duarte, contudo, era a brincadeira das pessoas baterem no ombro umas das outras com um alho-poró, desejando boa sorte e que São João as protegesse. Barracas de comes e bebes estavam sendo montadas. Festas iriam acontecer por toda parte, mas a dos Loronha, em Porto, por ser a mais faustosa, era a mais invejada e comentada.

Como sempre, Dom Camilo fora convidado. Como sempre, a senhora *sargenta* se recusara a acompanhar o marido. Daquela feita, no entanto, num rasgo de generosidade, o sargento de bailio se propôs a levar seu ordenança consigo.

– Toma cá estas boas vestes. Cuida bem delas. Eram do meu filho. E vês lá como te comportas, ó rapaz – advertiu o agora menos carrancudo patrão. – Vais pôr os pés em Porto, e logo em casa de um dos homens mais ricos do Reino.

Na sua alegria recalcada por uma conveniente descrição, Duarte Coelho mal cabia em si de contentamento. Finalmente, depois de dois anos em Gaia, ia conhecer a cidade de sonhos que tentava adivinhar do alto da sua trapeira.



Capítulo 6

Cidade do Porto, finalmente

Era finalzinho de tarde. Para os lados de Canidelo, o pôr do sol pintava de tons alaranjados o céu. Refletidos no espelho-d'água, o acender dos tocheiros nas muralhas, das lamparinas nos pavimentos mais altos das casas, iam desenhando arabescos luzidos no Rio Douro. A travessia de barco durara menos de um quarto de hora, tempo muitíssimo exíguo para a fascinação de Duarte naquela viagem de sonhos.

– Não senhor. Não quero entrar pelo *Postigo do Carvão* – contrapôs ao barqueiro o arrogante sargento do bailio. – Estás a pensar o quê? Vamos à casa dos Loronha. Deixe-nos à entrada da *Porta Nobre*. Por lá é mais cômodo chegar à *Rua Formosa*. Ora se não!

A subida para a tal rua fazia-se por uma íngreme ladeira, em cujas travessas embandeiradas, ao som de gaitas, as pessoas bebiam, cantavam e dançavam, dando início aos festejos do São João. E não era à toa que a rua se chamava *Formosa*. Distingua-se das demais não apenas pela largura e pelo seu traçado em linha reta, mas também pelas casas, as mais altas e mais iluminadas que Duarte já vira em toda a sua vida. Ali era território dos grandes mercadores, dissera-lhe o patrão, ofegante pelo esforço da caminhada, ladeira acima, conquanto excepcionalmente propenso à tagarelice.

– Se fiéis, têm seus armazéns a rés do chão e vivem nos pisos de cima. Se judeu, só lhes é permitido se estabelecerem cá nas lidas do comércio.

– E onde vivem? Digo... os judeus, meu senhor.

– Ora onde vivem – escoiceou por hábito. – Nas judiarias, ora, pois. Sítios aonde se recolhem à noite, e onde nenhum bom cristão deve pôr os pés.

– Perdoe-me, meu senhor – insistiu o moço, excitado e sôfrego de conversa para disfarçar o nervosismo. – Todavia, não são os Loronha judeus? Como podem, pois, cá viver?

– Deste vinho não provaste. Tens muito o que aprender – retrucou Dom Camilo em tom de galhofa, contrariando sua postura de tudo levar a sério. – Nem todos os homens são iguais perante a lei, meu rapaz. Os Loronha são judeus, mas... digamos que na corte são considerados... um tantinho cristãos. E agora chega de palavreado. Vês aquelas luzes todas? Pois é lá que eles se aboletam quando vêm cá ao Porto. Um desperdício.

Sobrados originalmente separados, reunidos internamente pelo capricho endinheirado dos donos, brilhava em casa dos Loronha um luxo ostensivo. Os ricos castiçais, os damascos dos reposteiros, os tapetes flamengos, os móveis rebuscados, tudo estava em harmonia com as impecáveis librés dos criados, que circulavam entre os convidados oferecendo bebidas e as mais finas iguarias. A música ressoava pelos salões atulhados de gente, onde a luz se propagava pela chama de um sem-número de velas. Era recepção de banqueiro-mercador. Uma dessas festas onde os interesses são evidentes e o próprio entretenimento fica eivado de grandes preocupações. Lá estava a melhor sociedade do Baixo Douro, incluindo os ambiciosos que almejavam alguma mercê, os moços *de qualidade*¹ que queriam fazer boa figura,

1. Generalização usada em Portugal para definir os nobres, fidalgos e senhores de terra.

as moçoilas casadoiras a espera de algum pretendente, e mesmo as senhoras já devidamente casadas, que ansiavam colher um ramalhete qualquer de galanteios. Mandando desenvolver seus melhores vinhos, os Loronha nem precisavam se esforçar muito para impressionar aquela velha oligarquia cristã e rançosa.



Remontava ao Império Romano a chegada dos primeiros judeus à Península Ibérica. Não obstante, em 31 de março de 1492, os *Reis Católicos*, Fernão de Aragão e Isabel de Castela, surpreenderam a comunidade israelita espanhola com o *Decreto de Alhambra*. No tal diploma, diziam:

Todos os judeus e judias de qualquer idade que residem em nossos domínios e territórios, que saíam com os seus filhos e filhas, seus servos e parentes, grandes ou pequenos, de qualquer idade, até o fim de julho deste ano; e que não ousem retornar às nossas terras, nem mesmo dar um passo nelas ou cruzá-las de qualquer outra maneira.

Qualquer judeu que não cumprir este édito e for achado em nossos reinos ou domínios, ou que retornar ao Reino de qualquer modo, será punido com a morte e com a confiscação de todos os seus pertences.

A corajosa réplica do rabino Isaac Abravenel, riquíssimo líder espiritual da comunidade israelita castelhana, de nada adiantara. Por ser judeu inglês radicado em Portugal, mercador, banqueiro e, ademais, credor de grande soma junto à Coroa portuguesa, coubera a Martim Afonso de Loronha tomar as rédeas da negociação, para que Portugal aceitasse receber cinco mil famílias de judeus espanhóis. A generosidade do agora finado rei Dom João Segundo custara aos israelitas o equivalente

a mil e oitocentos quilos de ouro. Competira em todo caso, ao banqueiro, cooptar a simpatia dos fidalgos e da alta burguesia portuguesa para aquela leva de imigrantes judeus. Daí as muitas festas que os Loronha promoviam em suas casas, tanto em Lisboa, Braga e Évora, quanto em Porto. Festas de confraternização interesseira, das quais não conseguiam mais se livrar.



A noite já ia a meio. Do salão grande chegavam vozes alegres e conversadoras de homens, animadas pelos vapores do vinho. As senhoras achavam-se naquela hora de vaga melancolia, em que experimentam a necessidade de conversar em voz baixa, trocando confidências miúdas. O calor de junho tinha permitido abrir as duas portas do salão grande, possibilitando prolongar o espaço destinado aos convivas até o pátio interior.

Retraído por natureza, sentindo-se deslocado, supérfluo mesmo naquele ambiente luxuoso, Duarte escapara para o ar livre, onde buscou assentar-se num banco de pedra musgosa, embaixo de um caramanchão de jasmins. E lá estava ele sonhando de olhos acordados, recozendo reminiscências, quando uma mocetona passou pelo umbral de uma das portas, enchendo a varanda com o rodado de suas saias e suas formas transbordantes. Era uma bela morena de ancas largas, busto farto e gestos desembaraçados, dessas que não têm pejo de exhibir a inesgotável eloquência de seus olhares e suas atitudes. A descoberta do jovem sentado solitariamente a um canto pareceu-lhe recrear os olhos. Pondo em função as suas graças, estofando o peito e a passadas decididas, acercou-se, acariciou-o com um desses olhares significativos que se assemelham a um sorriso, e fez a ele um sinal amistoso com a cabeça. De olhos baixos, numa compostura modesta, Duarte passava por ser quase frio, tal o decoro que exhibia. A moça o incentivou a usar a língua.

– Que calores... Benza-nos Deus! – Foi dizendo ela na sua tagarelice espirituosa, abanando-se com um rico leque. – Cá fora, com o perfume deste jasmim, está bem mais agradável, não te pareces?

– Está sim, senhora – replicou o moço de Gaia, um tanto aflito diante da beleza da recém-chegada, uns oito ou dez anos mais velha do que ele.

– Ah, o meu nome é Rebecca. E o teu?

– Du... Duarte – conseguiu pronunciar. – Duarte Coelho, minha senhora.

– Primeira vez que vens aqui? – Questionou a outra, cercada de uma espécie de auréola brincalhona que minimizava a diferença de idade.

– Primeira vez sim, senhora.

– Sorte a tua. Eu cá tenho de vir sempre – continuou ela com um arzinho entediado. – Dom Loronha exige. Não que eu não goste de festas. Adoro. Mas prefiro as de Lisboa. Em Braga, Évora e cá no Porto, achei todos os homens que conheci superficiais. De ideias curtas. Mesquinhos.

O coração tem o singular poder de dar um valor extraordinário a pequenos nada. Mortificado pelo sentimento de inferioridade, aquelas palavras foram para Duarte uma catástrofe inesperada, algo terrivelmente perturbador. Tal como rústico aldeão a quem se mostram de improviso coisas por ele nunca vistas, exibia a humildade peculiar dos estreantes. Criado num convento como uma planta de estufa, e de lá transplantado para a casa do senhor sargento do bailio, nunca havia posto os pés no mundo dos sentimentos. Embaraçado, acometido por uma espécie de febre nervosa, com o coração comprimido, suando e enregelando ao mesmo tempo, sua inquietação tornou-se tão grande que mal podia mover o pescoço. A expressão era tão aparvalhada que Rebecca se compadeceu dele.

– Quer dizer... – continuou a imprevista companhia, pondo meiguice na fala e ajeitando a roda do vestido para sentar-se ao lado. – Nenhum dos homens que cá conheci me deu o menor prazer. Todos eram sem grandeza, sem brandura, sem espontaneidade. Meu desejo... pelos ossos do meu pai... seria encontrar alguém que me inspirasse respeito. Admiração, ao menos.

– Lamento por Vossa Excelência – exclamou ingenuamente.

A linda morena não pôde conter um sorriso, logo contido pela aproximação de Fernão, o mais novo dos Loronha.

– Procurei-te por toda parte – foi dizendo ele, afetando ares de dono.

– Queira perdoar-me, meu senhor – aquiesceu Rebecca sem perder a compostura. – Estava justamente a estabelecer relações com esse bom cristão, o cavalheiro...

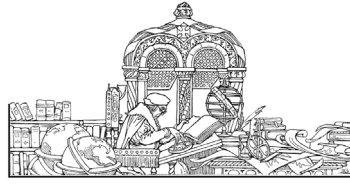
No arrebatamento da juventude ultrajada, Duarte levantou-se num átimo e apresentou-se com arremedos de galhardia.

– Duarte Coelho. Filho de Gonçalo Coelho, Senhor de Felgueiras e Vieira. Ora sirvo a Dom Camilo, velho amigo do senhor meu pai, sargento do bailio de Vila Nova de Gaia.

– Sei... – divertiu-se o recém-chegado, com aquele ar de superioridade que os moços ricos de vinte e seis anos olham para os moços pobres de dezesseis. – Penso já ter ouvido falar do teu pai.

– Acredito que sim. Trata-se de um senhor de terras e grande navegador.

– Navegador? Ora, não digas – zombou o outro fingindo respeito. – Com a preparação dessa expedição para as Índias, quem sabe não venhamos a carecer do concurso dele... Mas por ora, meu jovem, se me permite, devo roubar-te a companhia. Vem, Rebecca. É preciso que conheças um certo cavalheiro.



Capítulo 7

Embriaguez da alegria

Duarte amou-se, vítima de um pueril sentimento de ciúmes. De um pouco de inveja, também. O moço que lhe viera roubar a companhia era um dos herdeiros da casa. Alto, louro, barba bem cortada; metido em calções bufantes de veludo negro e meias brancas de seda, tendo por cima da camisa de refolhos um gibão curto igualmente negro; o tal Loronha tinha um ar de superioridade, desses que só o dinheiro grosso garante. E Rebecca o seguiu sem pestanejar, passos atrás, como um cachorrinho que acompanha o dono. Vivendo naquela margem da vida onde florescem as ilusões infantis, na sua ingenuidade, Duarte esperou um acaso romanesco. Talvez ela se voltasse e olhasse para ele. Qual o quê. Em consonância com o suor da raiva que lhe inundava a testa, um fogo foi se acendendo dentro do rapazinho com tal intensidade que, em questão de minutos, todo ele ardia. Se pudesse, sumiria daquela casa naquele mesmo instante. Desgraçadamente, não podia. Dom Camilo não era homem de desperdiçar comida e bebida de graça. Decerto, aproveitaria até o último minuto. A braços com suas dores, invejoso da riqueza, mas maldizendo a fortuna, decidiu-se voltar ao salão para tentar rever Rebecca. E lá estava a jovem, com gestos adúladores, no esplendor das suas graças, conversando com um moço de vinte e tantos anos; um pouco arruivado, de barba quadrada, olheiras pronunciadas e sorriso de esfinge.

– *Se eu cá pudesse tê-lo na frente da espada, limpava-lhe o sebo!* – Pensou Duarte, no ímpeto do seu amor-próprio ferido.

Precisava saber quem era aquele sujeito. Pelas vestes e postura, não dava mostras de ser da nobreza. Ao criado que veio oferecer-lhe a bandeja de bebidas, com um meio-sorriso embaçado, perguntou tão indiferentemente quanto pôde.

– É filho do senhor da judiaria de Santiago de Cacém. Chama-se Vasco da Gama – cochichou o velhote de libré, contente por se sentir requisitado. – É o novo mestre de balança da *Alfândega Real*.

Os anos de convívio com o sargento do bailio de Vila Nova de Gaia, as queixas e pedidos que ouvia fazerem ao magistrado, haviam dado a Duarte algum grau de compreensão do funcionamento das engrenagens do Reino. Uma certa dose de intuição maldosa, também. E cogitou: Se os Loronha eram judeus e mercadores, fazerem-se agradáveis ao filho do senhor de uma judiaria e mestre de balança da *Alfândega*... ah, fazia muito sentido. Mas o que Rebecca tinha a ver com aquilo? Seria parente dos Loronha? Fazendo voltas dissuasivas pelo perímetro do salão, deu de cara com quem menos queria. Com a voz já um tanto embaciada pelo excesso de vinho, naquela franqueza provinciana, bem próxima da impolidez, Dom Camilo dizia para quem quisesse ouvir que a rainha-viúva encomendara a morte do marido.

– Decerto, Dona Leonor já havia posto o *Tirano* na salmoura, desde que ele lhe apunhalou o irmão.

– A tanto eu cá não chegaria – tratou de precaver-se o interlocutor. – Mas que é estranho Dom João ter morrido de repente em tão pequeno lugar no Algarve, isso lá é. Ainda mais que quem subiu ao trono foi Dom Manuel, o último dos seis irmãos homens de Dona Leonor.

– Nada sabes das intrigas da corte, meu caro. Benza-nos Deus! Eu que o diga – jactava-se o senhor magistrado, ao tempo em que se dava conta da proximidade do ajudante de ordens. – Vem cá, ó rapaz. Aproxime-se. Lembra-te daquele endiabrado do Gonçalo Coelho, meu caro?

– Como não! Nunca vi gostar tanto de um rabo de saia. O que é feito dele?

– Por onde anda, não sei. Mas esse moço é filho canhoto dele. Foi criado por monjas. Quando chegou à minha casa era mimoso como uma rapariguinha. O Gonçalo o entregou aos meus cuidados para fazer dele um homem. Vejas tu agora. Estou ou não estou a fazer um bom serviço?

Entre envergonhado do passado e lisonjeado pelo presente, querendo fugir da agonia que lhe causava aquelas referências à sua pessoa, tão logo pôde Duarte escapou. Continuando sua volta pelo salão, colocou-se discretamente a um canto, bem próximo e no ângulo de visão da esfuziante morena. Ela demorou um tanto a lhe perceber a presença, mas quando o viu o saudou com um movimento de cílios. Que sentimento de júbilo! Radiante com esse triunfo, com o coração afogado na embriaguez da alegria, a paixão, que só procurava um pretexto para se manifestar, eletrizou o moço e zoou nos ouvidos dele como o estrépito de um trovão.

– Queiras perdoar-me, senhor – ouviu ela dizer finalmente ao jovem mestre de balança, com aquele seu sorriso desembaraçado que ainda mais lhe realçava a beleza. – Tenho certas providências a tomar. Mas decerto que irei fazer-te uma visita nas *Torres da Alfândega*. Não sabia que era lá que havia nascido o Infante Dom Henrique, de quem tanto falam. Deve ser divertido conhecer tudo aquilo.

– Será uma grande honra, minha senhora – replicou o

carrancudo Vasco da Gama, fazendo um gesto de reverência com a cabeça.

– Com licença, então – falou Rebecca, retirando-se com graça em direção a Duarte, a quem sussurrou ao passar: – Siga-me... de longe.